

"INGLOURIOUS
BASTERDS"

Written and directed

by

QUENTIN TARANTINO

last draft
JULY 2nd
2008



Bastardos inglórios

O roteiro original do filme

Escrito e dirigido por
Quentin Tarantino

Tradução de
Anna Lim



Copyright © 2006 by Quentin Tarantino.
Introduction copyright © DLR, Inc.
Título original em inglês: *Inglorious basterds – A screenplay*.

Amarilys é um selo editorial Manole.

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Depto. editorial da Editora Manole

Capa
Depto. de arte da Editora Manole

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tarantino, Quentin
Bastardos inglórios / escrito e dirigido por
Quentin Tarantino ; tradução de Anna Lim. --
Barueri, SP : Manole, 2009.
Título original: Inglorious basterds.
ISBN 978-85-204-3044-6
1. Bastardos inglórios (Filme cinematográfico)
2. Cinema 3. Cinema - Roteiros I. Título.

09-09302 CDD-791.4372

Índices para catálogo sistemático:
1. Bastardos inglórios : Roteiro cinematográfico
791.4372

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer
processo, sem a permissão expressa dos editores.
É proibida a reprodução por xerox.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira
de Direitos Reprográficos.

1ª edição brasileira – 2009

Direitos em língua portuguesa adquiridos pela:
Editora Manole Ltda.
Av. Ceci, 672 – Tamboré
06460-120 – Barueri – SP – Brasil
Tel. (11) 4196-6000 – Fax (11) 4196-6021
www.manole.com.br
info@manole.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO UM | |
| Era uma vez... numa França ocupada pelos nazistas | 01 |
| CAPÍTULO DOIS | |
| Bastardos Inglórios | 18 |
| CAPÍTULO TRÊS | |
| Noite alemã em Paris | 36 |
| CAPÍTULO QUATRO | |
| Operação Kino | 73 |
| CAPÍTULO CINCO | |
| A vingança do rosto gigante | 120 |



INTRODUÇÃO

Anos atrás, conheci um garoto como Quentin Tarantino. Aos onze anos de idade, Scott era um gênio. Sua especialidade não era relacionada a imaginação, humor negro, histórias ou qualquer coisa humana. Ele era um ás das máquinas. Eu dava ao garoto meus eletrônicos gastos e caixas de tecnologias quebradas. Ele me devolvia uma lanterna toca-cartuchos de 8 pistas. Uma torradeira de fitas cassete. Um rádio-relógio vitrola.

Nunca questionei os motivos que levaram Scott a se tornar um dr. Moreau¹ com um ferro de soldar. Bastava o fato dele trazer coisas novas ao mundo. O novo era mais importante que qualquer utilidade específica, e a invenção era sua razão em si.

Da mesma forma, em toda sua carreira cinematográfica, Quentin Tarantino criou coisas nunca vistas antes com elementos do cotidiano. Sua avaliação do *status quo* do cinema sempre foi como o de um inventor pesquisando um lixão. Volta e meia ele desmonta o passado, remontando tanto tradições como clichês em formas que reconhecemos apenas em partes. Seus filmes nos parecem estranhos e familiares ao mesmo tempo. Tarantino volta para o futuro.

Ele repete o feito em *Bastardos inglórios*. Neste roteiro, você verá um balão de pensamento tirado diretamente de histórias em quadrinhos. Um narrador sem corpo que aparece do nada. Imagens em preto e branco que lembram veneráveis filmes franceses. Lentes vermelho-sangue. *Flashbacks*. Até o título é roubado – com erros de grafia e tudo – de um filme de guerra italiano feito em 1978.

¹ N.T.: Personagem de H.G.Wells, *A ilha do dr. Moreau* – cientista louco arquetípico, fazia experimentos criando aberrações híbridas de humanos e animais.

O roteiro lembra também os clássicos filmes de propaganda de Leni Riefenstahl² e Joseph Goebbels³. Mostra vislumbres dos rostos de Hitler e Churchill e do interior de uma sala de cinema na Paris dos tempos de guerra, e faz um *zoom* nos horrores do combate corpo a corpo, na mania de vingança. Isto é bem mais forte do que qualquer coisa que Scott tenha fundido para mim há tempos. Mas Tarantino compartilha com aquele garoto o mesmo assombro e reverência pelos que vieram antes dele.

Inglourious basterds (*Bastardos inglórios*) não se dá ao luxo de satirizar ou apenas colar pedaços. É reverentemente autêntico como uma história de guerra, usando a mesma mágica tensa de manter o suspense, comum aos melhores do gênero, seja na literatura ou no cinema. Ao mesmo tempo, é Tarantino, sua linguagem característica.

O cenário é Paris, em junho de 1944. Os americanos e ingleses ainda estão em suas posições costeiras na Normandia, avançando lentamente para dentro do continente através de vilas fortemente defendidas e cercas vivas. O exército alemão ainda não admitiu uma iminente derrota. Eles passaram quatro anos sem serem perturbados na França e acabaram gostando do lugar. Soldados flanando por Paris, vão ao cinema e cortejam as *mademoiselles* que lhes dão atenção. Mas o trabalho de Tarantino sempre se equilibra sobre um caos subjacente. O desespero se infiltra por entre os nazistas, que apressam seus esforços para erradicar os últimos judeus da Europa antes que o jogo vire. Sentimos os minutos contados para a Alemanha num filme produzido por Goebbels com a intenção de levantar os ânimos das tropas, propagandeando um atirador solitário que matou 300 soviéticos na frente Oriental. Uma pequena equipe de soldados judeu-americanos mata ousadamente no interior das linhas inimigas (judeus que escalpelam, outro borrão da caneta de Tarantino). Uma jovem planeja uma vingança secreta contra os nazistas pela matança de sua família.

Ao passo que o filme em si traz *Bastardos inglórios* à vida em cores, movimento e dimensão, o manuscrito oferece uma alegria à parte, da qual o filme é incapaz. O roteiro bruto proporciona uma intimidade incomparável com a dinâmica dos diálogos, ação e ambientação de Tarantino quando é a sua voz interior

² N.T.: Atriz e cineasta alemã, famosa por seus filmes de propaganda para Hitler e o Partido Nazista.

³ N.T.: Ministro da Propaganda nazista, centralizou todos os aspectos da produção cultural e intelectual da Alemanha durante o Terceiro Reich.

pronunciando as falas, sua própria mente filmando as cenas. Além disso, a própria voz de Tarantino enche o roteiro em suas descrições de motivação (*até o fim, baby, até a porra do fim*), direções de câmera (*vemos todas as três armas apontadas para os respectivos sacos*), ação (ambos LEVAM e ACERTAM tantas balas um no outro que é quase romântico quando os dois tombam MORTOS no chão), e descrições de personagens (*um jovem George Sanders⁴ – da época de O santo e O homem sem coração*) e cenários (*o auditório parece algo saído de um dos filmes B italianos de Tinto Brass que copiam Os deuses malditos de Visconti*). Você não vai encontrar este espetáculo maravilhoso em nenhuma sala de cinema. É teatro da mente, até o fim, *baby*.

Curiosamente, *Bastardos inglórios*, um filme sobre a Segunda Guerra Mundial, tem uma contagem de corpos inferior à maioria dos filmes anteriores de Tarantino. Embora não haja falta de massacre e violência, parece que o pano de fundo histórico de violência real restringiu suas tendências a retratá-la de maneira displicente. O roteiro conta as vidas e mortes e atos terríveis de pessoas reais. Tarantino evoca um mundo em guerra, de verdade. É plausível e aterrorizante.

A primeira vez que encontrei Quentin Tarantino, fomos jantar num restaurante badalado em Tribeca. Não demorou muito para que estivéssemos os dois de pé, cantando “*Ya got trouble*”⁵ para os clientes à nossa volta. Eu participei de uma montagem de *The music man*⁶ no colégio, então eu tinha uma explicação, se não uma desculpa. Não acho que Tarantino já tenha feito essa peça. O sujeito sorridente do outro lado da sala cantando “*tryin’ out Bevo, tryin’out cubebs, tryin’ out Tailor Mades!*”⁷ era o maior cineasta da América, tão apaixonado por filmes que sabe de cor até a canção trava-língua de *The music man*.

No roteiro de *Bastardos inglórios*, os gostos e talentos de Tarantino estão à mostra de maneira tão luminosa como se moldados numa grande tela prateada. Impossível não percebê-los na leitura. Ele demonstra pleno controle de todo este

⁴ N.T.: Ator inglês (1906-1972).

⁵ N.T.: Uma das canções do libreto de *The music man*.

⁶ N.T.: Musical de Meredith Wilson, sobre um golpista que finge querer organizar bandas de crianças em cidades pequenas, fugindo após embolsar o dinheiro da venda de instrumentos e uniformes.

⁷ N.T.: Letra da canção *Ya got trouble* – literalmente, “testando Bevo (bebida de malte não alcoólica), testando cubeba (planta usada para fins medicinais), testando Tailor Mades (marca de cigarros industrializados)”.

material, os pedaços do passado e do presente. Isto é Tarantino clássico, numa nova direção.

Para citar a última linha de diálogo, dita pelo tenente Aldo Raine, o herói algo torto – e não seria forçado acreditar que seja o próprio roteirista/diretor conversando conosco à parte do texto – “Acho que esta pode ser minha obra-prima”. O roteiro fecha com uma direção de palco para todos nós:

Eles riem diabolicamente.

— DAVID L. ROBBINS, autor de *The betrayal game*, *The assassins gallery*, *War of the rats*, *Liberation road* e *Broken jewel*.

GLOSSÁRIO DE TERMOS CINEMATOGRAFICOS

EXT – cena externa

INT – cena interna

CLOSE-UP – plano fechado

DISSOLVE PARA – fusão entre duas cenas

FADE UP – imagem reaparece gradativamente

OFFSCREEN – OS – fora de quadro

VOICE OVER – VO – narração em *off*

FADE TO BLACK – tela escurece

DOLLY – movimento de câmera para frente ou para trás. Diferentemente do ZOOM, a câmera toda faz o movimento.

FLASH ON – quando um flashback entra em cena

FADE OFF – imagem se apagando

BLACK – tela preta

TWO SHOT – tomada de dois

PAN OFF – movimento de câmera lateral de um ponto a outro

FADE OUT – imagem desaparece gradativamente



EXT - FAZENDA LEITEIRA - DIA

A modesta fazenda leiteira no interior de Nancy, na França (a que os franceses se referem como terra das vacas).

Vemos uma LEGENDA no céu sobre a casa da fazenda:

CAPÍTULO UM

"ERA UMA VEZ...
NUMA FRANÇA OCUPADA PELOS NAZISTAS"

Esta LEGENDA desaparece e é substituída por outra:

"1941
Um ano da ocupação da
França pela Alemanha"

A fazenda consiste em uma casa, um pequeno celeiro, e doze vacas espalhadas.

O proprietário, um homem grande como um touro, FAZENDEIRO FRANCÊS, golpeia com um machado um toco de árvore que macula sua propriedade. Contudo, apenas olhando, você não conseguiria dizer se ele esteve batendo nesse toco o ano inteiro ou se começou agora.

JULIE

Uma de suas três belas filhas adolescentes, está pendurando a roupa lavada no varal. Enquanto ela pendura um lençol branco, ela ouve um barulho. Afastando o lençol, ela vê:

PONTO DE VISTA DE JULIE

Um sedã conversível nazista, com duas bandeirinhas nazistas presas ao capô, um SOLDADO NAZISTA ao volante, um OFICIAL NAZISTA sozinho no banco de trás, seguindo DOIS OUTROS SOLDADOS NAZISTAS de moto, subindo o morro na estradinha que leva à sua fazenda.

JULIE

Papai.

O fazendeiro francês enterra o machado no toco, vira a cabeça para olhar, e vê os alemães se aproximando.

A ESPOSA DO FAZENDEIRO, CHARLOTTE, chega à porta de sua casa, seguida de suas DUAS OUTRAS FILHAS ADOLESCENTES, e vê os alemães se aproximando.

O fazendeiro grita para sua família em FRANCÊS COM LEGENDAS EM INGLÊS:

FAZENDEIRO
Voltem para dentro e tranquem a porta.

2.

FAZENDEIRO

(para Julie)

Julie, pegue um pouco de água da bomba para eu me lavar, e depois vá para dentro com sua mãe.

A jovem corre até a bomba d'água ao lado da casa. Ela pega uma bacia e começa a bombear. Após algumas bombeadas, água começa a jorrar, espirrando dentro da bacia.

O fazendeiro francês senta-se no toco de árvore que estava a cortar, tira um lenço do bolso, limpa o suor do rosto e espera o comboio nazista chegar. Depois de um ano vivendo com a espada de Dâmocles¹ suspensa sobre sua cabeça, pode ser que este seja o fim.

Julie termina de encher a bacia de água e a coloca no peitoril da janela.

JULIE

Pronto, Papai.

FAZENDEIRO

Obrigado, querida, agora entre e tome conta da sua mãe. Não corra.

Julie entra na casa e fecha a porta atrás de si.

Enquanto seu pai se levanta do toco de árvore e vai até o peitoril da janela com a bacia de água...

...O SOM DOS MOTORES das duas motocicletas e do carro se torna MAIS ALTO.

O fazendeiro JOGA UM POUCO DE água da bacia em seu rosto e peitoral. Ele desengancha uma toalha de um prego e enxuga o excesso de água do rosto e do peito, enquanto observa as duas motos, o carro e os quatro representantes do Partido Nacional Socialista pararem em sua propriedade.

Não nos aproximamos deles mas continuamos a observá-los à distância, como o fazendeiro.

Os DOIS MOTOCICLISTAS NAZISTAS descem de suas motos e ficam em posição de alerta ao lado delas.

O MOTORISTA NAZISTA dá a volta no automóvel e abre a porta para seu superior.

O OFICIAL NAZISTA diz ao motorista em ALEMÃO SEM LEGENDAS:

OFICIAL NAZISTA

Esta é a propriedade de Perrier LaPadite?

¹ N.T.: Lenda grega que representa uma situação precária, de perigo iminente.

MOTORISTA NAZISTA

Sim, Herr² Coronel.

O oficial nazista desce do banco de trás do veículo, carregando em sua mão esquerda uma pasta de couro preta.

OFICIAL NAZISTA

Herrman, até que eu lhe chame, deixe-me sozinho.

MOTORISTA NAZISTA

Como queira, Herr Coronel.

O coronel da S.S. grita para o fazendeiro em FRANCÊS COM LEGENDAS EM INGLÊS:

OFICIAL NAZISTA

Esta é a propriedade de Perrier LaPadite?

FAZENDEIRO

Eu sou Perrier LaPadite.

O coronel da S.S. vence a distância entre eles a passos largos e diz, em francês, com um sorriso no rosto:

OFICIAL NAZISTA

É um prazer conhecê-lo, Monsieur LaPadite. Eu sou o Coronel Hans Landa da S.S.

CEL. HANS LANDA estende a mão para o fazendeiro francês, PERRIER LAPADITE. O francês aperta a mão do alemão.

PERRIER

Como posso ajudá-lo?

CEL. LANDA

Esperava que você me convidasse a entrar para podermos ter uma conversa.

INT – CASA DA FAZENDA LAPADITE – DIA

A porta da casa se abre e o fazendeiro, com um gesto, convida o coronel da S.S. a entrar. Tirando seu quepe cinza da S.S., o alemão entra na casa do francês.

O Cel. Landa é imediatamente recebido pela visão da esposa do fazendeiro e suas três belas filhas em pé juntas na cozinha, sorrindo em sua direção.

O fazendeiro entra depois dele, fechando a porta.

² N.T.: Forma de tratamento do idioma alemão, equivalente a "Sr".

4.

PERRIER

Coronel Landa, esta é minha família.

O coronel da S.S. bate os calcanhares e toma a mão da mulher do fazendeiro francês...

CEL. LANDA

Cel. Hans Landa da S.S., madame. Ao seu dispor.

Ele beija sua mão, e continua a falar sem soltar a mão da anfitriã...

CEL. LANDA

Por favor, perdoem a rude intromissão em sua rotina.

ESPOSA DO FAZENDEIRO

Não seja tolo, Herr Coronel.

Enquanto continua a segurar a mão da francesa e a olhar em seus olhos, o coronel da S.S. diz:

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, os boatos que ouvi no vilarejo sobre sua família são todos verdade. Sua esposa é mesmo uma bela mulher.

Seus olhos deixam a mãe e se dirigem às três filhas.

CEL. LANDA

(CONTINUANDO)

E suas filhas, uma mais adorável que a outra.

PERRIER

Merci. Por favor, sente-se.

O fazendeiro oferece ao coronel da S.S uma cadeira à mesa de jantar de madeira da família. O oficial nazista aceita a oferta do fazendeiro francês e se acomoda na cadeira, colocando seu quepe cinza da S.S. sobre a mesa e mantendo sua valise preta no chão, aos seus pés.

O fazendeiro (o anfitrião perfeito) se vira para a esposa e diz:

PERRIER

Charlotte, você poderia fazer a gentileza de pegar um vinho para o Coronel?

CEL. LANDA

Merci beaucoup, Monsieur LaPadite, mas não quero vinho. Sendo esta uma fazenda leiteira, estou certo em supor que o senhor tenha leite?

CHARLOTTE

Oui.

CEL. LANDA

Então prefiro leite.

CHARLOTTE

Muito bem.

A mãe das três tira uma garrafa de leite da geladeira e serve um copo alto do líquido branco e fresco para o coronel.

O coronel da S.S. toma um grande gole do copo, e o pousa COM RUÍDO sobre a mesa de madeira.

CEL. LANDA

Monsieur, à sua família e às suas vacas eu digo: Bravo.

PERRIER

Merci.

CEL. LANDA

Por favor, juntem-se a mim à sua mesa.

PERRIER

Muito bem.

O fazendeiro francês se senta à sua mesa de jantar de madeira de frente para o nazista.

As mulheres permanecem de pé.

O Cel. Landa se inclina para a frente e diz ao fazendeiro num tom baixo de confidencialidade:

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, o que nós temos a discutir seria melhor se feito em particular. O senhor notará que deixei meus homens do lado de fora. Se não lhes for ofensivo, o senhor poderia pedir às suas adoráveis mulheres que esperem lá fora?

PERRIER

O senhor tem razão.

PERRIER

(a suas mulheres)

Charlotte, você poderia levar as garotas para fora? O Coronel e eu precisamos ter uma conversa.

A mulher do fazendeiro segue as ordens de seu marido e reúne suas filhas, levando-as para fora e fechando a porta atrás de si.

6.

Os dois homens ficam sozinhos à mesa de jantar do humilde lar do fazendeiro.

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, sinto lhe informar que cheguei ao limite do meu francês. Continuar a falá-lo de maneira tão inadequada apenas me constrangeria ainda mais. Contudo, acredito que o senhor fale inglês bem?

PERRIER

Oui.

CEL. LANDA

Bom, por acaso eu também. Esta sendo sua casa, peço sua permissão para falarmos em inglês pelo resto de nossa conversa.

PERRIER

Certamente.

Agora eles falam em INGLÊS:

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, ao passo que sei perfeitamente quem o senhor e sua família são, não tenho como saber se o senhor sabe quem sou eu. O senhor sabe?

O fazendeiro responde:

PERRIER

Sim.

CEL. LANDA

Bom. O senhor sabe do trabalho que tenho de cumprir na França?

PERRIER

Sim.

O coronel bebe mais leite.

CEL. LANDA

O senhor poderia me contar o que sabe?

PERRIER

Ouvi dizer que o Führer o encarregou de encurralar os judeus que restaram na França que estiverem se escondendo ou se passando por gentios³.

O coronel da S.S. sorri.

³ N.T.: Não israelitas.

CEL. LANDA

Nem o próprio Führer poderia ter dito melhor.

PERRIER

Mas o objetivo de sua visita, apesar de agradável, é um tanto misterioso. Os alemães procuraram por judeus escondidos em minha casa nove meses atrás e não encontraram nada.

CEL. LANDA

Sei disso. Li o relatório para esta área. Mas como qualquer empreendimento sob nova direção, há sempre um pouco de trabalho dobrado. A maioria é uma completa perda de tempo, mas tem de ser feita de qualquer modo. Tenho apenas algumas perguntas, Monsieur LaPadite. Se o senhor puder me ajudar com as respostas, meu departamento poderá fechar o caso da sua família.

Pegando sua valise de couro preta e colocando-a sobre a mesa, ele tira uma pasta de dentro dela. Ele também extrai do bolso da frente de seu uniforme uma cara caneta-tinteiro preta. Abrindo a pasta e a consultando:

CEL. LANDA

Vejamos, antes da ocupação havia quatro famílias judias nesta área, todos fazendeiros de leite como o senhor: os Loveitts, os Doleracs, os Rollins e os Dryefus, correto?

PERRIER

Que eu saiba, essas eram as famílias judias entre os fazendeiros de leite. Herr Coronel, se incomoda se eu fumar meu cachimbo?

Levantando o olhar de seus papéis:

CEL. LANDA

Por favor, Monsieur LaPadite, é sua casa. Fique à vontade.

O fazendeiro se levanta da mesa, vai até uma prateleira sobre a lareira, e tira uma CAIXA DE MADEIRA que contém todos os apetrechos para seu cachimbo. Ele volta a se sentar à mesa com seu convidado nazista.

Enquanto o fazendeiro enche seu cachimbo com tabaco, acende-o com um fósforo e começa a baforar lentamente, fazendo com que ele fique vermelho-brasa, o coronel da S.S. estuda os papéis à sua frente.

CEL. LANDA

Agora, de acordo com estes papéis, todas as famílias judias desta área foram registradas - exceto os Dreyfus. Em algum ponto do ano passado eles parecem ter desaparecido. O que me leva a concluir que ou eles conseguiram escapar ou alguém os está escondendo muito bem.

(levantando o olhar dos papéis para o fazendeiro, do outro lado da mesa)

O que o senhor ouviu falar sobre os Dreyfus, Monsieur LaPadite?

PERRIER

Apenas rumores -

CEL. LANDA

- Adoro rumores! Fatos podem ser tão enganosos, ao passo que rumores, verdadeiros ou falsos, são quase sempre reveladores. Então, Monsieur LaPadite, quais rumores o senhor tem ouvido sobre os Dreyfus?

O fazendeiro olha para Landa.

CEL. LANDA

Pode falar livremente, Monsieur LaPadite, quero saber quais são os boatos, e não quem os contou ao senhor.

O fazendeiro dá baforadas exaustivas em seu cachimbo.

PERRIER

De novo, isto é apenas um rumor - mas ouvimos dizer que os Dreyfus conseguiram chegar à Espanha.

CEL. LANDA

Então os boatos que o senhor ouviu foram de fuga?

PERRIER

Sim.

CEL. LANDA

Os LaPadites e os Dreyfus tinham uma relação amigável?

Enquanto o fazendeiro responde a esta pergunta, a CÂMERA SE ABAIXA atrás de sua cadeira, em direção ao chão, atravessando o chão, até uma pequena área sob as pranchas do assoalho, revelando:

CINCO SERES HUMANOS

Deitados horizontalmente sob as pranchas do assoalho do fazendeiro. Estes seres humanos são os DREYFUS, que têm vivido sob a casa do fazendeiro no último ano. Mas não se pode chamar de viver o que os Dreyfus têm passado. Esta família fez a única coisa que podia - se esconder de um exército que os queria exterminar.

PERRIER

Éramos famílias da mesma comunidade, no mesmo ramo. Eu não diria que éramos amigos, mas membros da mesma comunidade. Tínhamos interesses em comum.

O coronel da S.S. pensa nesta resposta, parece aceitá-la, e então passa para a próxima pergunta.

CEL. LANDA

Como não conheci os Dreyfus, o senhor me confirmaria os exatos membros da casa e seus nomes?

PERRIER

Eram cinco.
O pai, Jacob... a esposa, Miriam...
o irmão dela, Bob...

CEL. LANDA

- Que idade tem Bob?

PERRIER

Trinta - trinta e um?

CEL. LANDA

Continue.

PERRIER

E as crianças... Amos...
e Shoshanna.

CEL. LANDA

A idade das crianças?

PERRIER

Amos - seis - acho eu. E Shoshanna tinha quinze ou dezesseis, não tenho certeza.

CORTA PARA

EXT - FAZENDA LEITEIRA - DIA

A mãe e as três filhas terminam de tirar as roupas do varal.

Elas não ouvem nada do que acontece no interior da casa.

Os três soldados nazistas observam as três filhas.

DE VOLTA A LANDA E PERRIER

CEL. LANDA

Bem, acho que isso será suficiente.

Ele começa a juntar seus papéis e a colocá-los de volta em sua Valise.

O fazendeiro, na maior calma, solta baforadas em seu cachimbo.

CEL. LANDA

Contudo, antes de partir, seria possível tomar mais um copo de seu delicioso leite?

PERRIER

Mas claro que sim.

O fazendeiro se levanta, vai até a geladeira, e tira a garrafa de leite. Enquanto ele se aproxima e enche o copo do coronel nazista, o oficial alemão fala.

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, o senhor sabe qual o apelido que me foi dado pelo povo francês?

PERRIER

Não me intesso por essas coisas.

CEL. LANDA

Mas o senhor sabe como eles me chamam?

PERRIER

Sei.

CEL. LANDA

O que o senhor sabe?

PERRIER

Que o chamam de "o caçador de judeus".

CEL. LANDA

Exatamente! Agora compreendo sua hesitação em dizê-lo. Antes de ser assassinado, parece que Heydrich⁴ detestava o nome que o bom povo de Praga lhe deu. Na verdade, a razão dele detestar o nome "o Enforcador" me é um enigma. Parecia que ele tinha feito de tudo para merecê-lo. Mas eu, por outro lado, adoro meu título extra-oficial, exatamente porque o mereci.

Enquanto o "caçador de judeus" saboreia seu leite fresco, ele continua a teorizar com o fazendeiro francês.

⁴ N.T.: Chefe de segurança do Reich e um dos homens mais perigosos do partido nazista, morreu em decorrência de complicações após uma emboscada em Praga.

CEL. LANDA

A característica que faz de mim um caçador tão eficiente de judeus é que, ao contrário da maioria dos soldados alemães, eu consigo pensar como um judeu, ao passo que eles conseguem apenas pensar como alemães, ou, mais precisamente, como soldados alemães.

Agora, se fosse necessário determinar que atributo o povo alemão tem em comum com um animal, seria o instinto predatório e astucioso de um falcão. Negros – cérebro – lábios – cheiro – força física e tamanho do pênis de um gorila.

Mas se fosse necessário determinar que atributos os judeus têm em comum com algum animal, seria com os do rato.

Agora a propaganda do Führer e de Goebbels disseram quase a mesma coisa. A diferença entre as nossas conclusões é que não considero a comparação um insulto.

Pense por um momento no mundo em que vive um rato. É um mundo sem dúvida hostil. Se um rato passasse pela sua porta da frente neste minuto, o senhor o receberia com hostilidade?

PERRIER

Acredito que sim.

CEL. LANDA

Um rato já lhe fez algo para criar esta animosidade que o senhor sente em relação a ele?

PERRIER

Ratos espalham doenças, mordem pessoas –

CEL. LANDA

– A menos que algum idiota seja tolo o bastante para tentar e atirar um deles vivo, ratos não costumam morder seres humanos. Ratos foram a causa da peste bubônica, mas isso faz algum tempo. Em toda sua vida, algum rato já lhe fez ficar um dia de cama? Posso garantir ao senhor, qualquer doença que um rato possa espalhar, seria espalhada por um esquilo do mesmo modo.

CEL. LANDA
(CONTINUANDO)

Ainda assim, suponho que o senhor não tenha em relação aos esquilos a mesma animosidade que sente pelos ratos, não é mesmo?

PERRIER

Não.

CEL. LANDA

E mesmo assim, ambos são roedores, não é? E exceto pelo fato de um ter uma grande cauda peluda, enquanto o outro tem uma longa cauda repugnante de pele de roedor, eles até se parecem, não é?

PERRIER

É uma ideia interessante, Herr Coronel.

CEL. LANDA

Porém, por mais interessante que seja, não faz a menor diferença sobre como o senhor se sente. Se um rato passasse pela sua porta neste exato minuto, o senhor lhe ofereceria um pires do seu delicioso leite?

PERRIER

Provavelmente não.

CEL. LANDA

Achei que não. O senhor não gosta deles. O senhor não sabe ao certo por que o senhor não gosta deles. Tudo que o senhor sabe é que o senhor os acha repugnantes.

(deixa a
metáfora ser
absorvida)

Que mundo tremendamente hostil um rato deve enfrentar. E mesmo assim, ele não só sobrevive, mas prolifera. E a razão para isto é porque nosso pequeno vilão tem um instinto de sobrevivência e preservação inigualável. E isso, monsieur, é o que o judeu tem em comum com um rato.

Consequentemente, um soldado alemão faz uma busca em uma casa suspeita de esconder judeus. Onde o falcão olha? Ele procura no celeiro, ele olha no sótão, ele olha no porão. Mas há muitos lugares que nunca ocorreriam a um falcão. Contudo, o motivo pelo qual o Führer me tirou dos Alpes na Áustria e me colocou na terra das vacas francesas hoje, é porque essas coisas me ocorrem.

CEL. LANDA
(CONTINUANDO)

Porque eu sei até que ponto os seres humanos podem chegar quando renunciam à dignidade.

(mudando de tom).

Posso fumar meu cachimbo também?

A fachada calma do fazendeiro se desfaz pouco a pouco.

PERRIER

Por favor, coronel, sinta-se em casa.

O Caçador de Judeus tira um cachimbo e uma sacola de tabaco. O cachimbo, curiosamente, é uma calabaça, feita de uma abóbora em forma de S, de casca amarela e tornada famosa por Sherlock Holmes.

Enquanto o coronel nazista se ocupa com seu fumo, ele mantém sua posição à mesa do francês.

CEL. LANDA

O outro erro que os soldados alemães cometem é o modo severo como lidam com os cidadãos que abrigam e auxiliam os judeus. Estes cidadãos não são inimigos do Estado. Eles são apenas pessoas confusas, tentando encontrar algum sentido na loucura da guerra. Estes cidadãos não precisam de punição. Eles precisam apenas ser lembrados de seu dever em tempo de guerra. Vamos usá-lo como exemplo, Monsieur LaPadite. Nesta guerra, o senhor se encontra no meio de um conflito que não tem nada a ver consigo, suas adoráveis mulheres, ou suas vacas - e mesmo assim, aqui está o senhor. Então, Monsieur LaPadite, permita-me fazer uma pergunta. Neste tempo de guerra, qual é seu dever número um? É lutar contra os alemães em nome da França, até seu último suspiro? Ou será assediar o exército dominante até onde o senhor conseguir? Ou será proteger as pobres e desafortunadas vítimas da guerra que não podem proteger a si mesmas? Ou seu dever número um neste tempo de derramamento de sangue será proteger aquelas lindas mulheres que constituem sua família?

O coronel deixa a última afirmação pairando.

CEL. LANDA

Isso foi uma pergunta, Monsieur LaPadite. Nesta época de guerra, o que o senhor considera como seu dever número um?

PERRIER

Proteger minha família.

CEL. LANDA

Bem, meu trabalho diz que eu devo fazer meus homens adentrarem sua casa e conduzir uma busca minuciosa antes que eu possa oficialmente riscar o nome da sua família de minha lista. E se houver alguma irregularidade a ser constatada, tenha certeza de que o serão. Isto é, a menos que o senhor tenha algo a me contar que torne a busca desnecessária.

(pausa)

Devo acrescentar também que qualquer informação que facilite a realização dos meus deveres não será punida. Na verdade, bem o oposto, será contemplada com uma recompensa. E esta recompensa será sua família deixar de ser assediada de todas as maneiras pelo exército alemão durante o resto de nossa ocupação de seu país.

O fazendeiro, cachimbo na boca, olha para seu oponente alemão do outro lado da mesa.

CEL. LANDA

O senhor está abrigando inimigos do Estado, não está?

PERRIER

Sim.

CEL. LANDA

O senhor os está abrigando sob o seu assoalho, não está?

PERRIER

Sim.

CEL. LANDA

Indique as áreas onde eles estão se escondendo.

O fazendeiro aponta para as áreas no chão sob as quais os Dreyfus estão.

CEL. LANDA

Já que não ouvi nenhum ruído, suponho que, apesar deles estarem ouvindo, eles não falam inglês?

PERRIER

Sim.

CEL. LANDA

Vou voltar a falar francês agora, e quero que o senhor me acompanhe numa pequena representação – está claro?

PERRIER

Sim.

O Cel. Landa se levanta e, passando a falar FRANCÊS, diz, COM LEGENDAS EM INGLÊS:

CEL. LANDA

Monsieur LaPadite, eu agradeço o leite e sua hospitalidade. Acredito que nossos assuntos aqui estejam terminados.

O oficial nazista abre a porta da frente e silenciosamente faz um gesto para que seus homens se aproximem da casa.

CEL. LANDA

Madame LaPadite, obrigado pelo seu tempo. Não devemos mais incomodar sua família.

Os soldados entram pela porta. O Cel. Landa silenciosamente aponta para a área no chão sob a qual os judeus se escondem.

CEL. LANDA

Então, Monsieur e Madame LaPadite, eu lhes digo adeus.

Ele faz um sinal para os soldados com seu dedo indicador.

Eles RASGAM o assoalho de madeira com TIROS DE METRALHADORA.

A pequena casa de fazenda se enche de FUMAÇA, PÓ, FARPAS, GRITOS, CÁPSULAS DE BALAS, e até mesmo um pouco de SANGUE.

A um gesto do coronel, os soldados cessam fogo. O coronel mantém seu dedo erguido para indicar silêncio.

SOB AS PRANCHAS DO ASSOALHO

Toda a família Dreyfus está morta. Exceto pela menina de dezesseis anos, SHOSHANNA, que miraculosamente escapou de ser atingida pelas balas nazistas. Com sua família morta ao seu redor, a jovem corre para a liberdade (representada por uma abertura de tela de arame).

16.

CEL. LANDA

ouve movimentos sob o chão, olha para baixo e vê uma SILHUETA se mexendo por entre as pranchas do assoalho.

CEL. LANDA

É a garota. Ninguém se mova!

A ABERTURA

é ESTOURADA COM UM CHUTE, a garota PULA para fora.

CEL. LANDA

à medida que ele cruza o assoalho, vê a jovem CORRENDO em direção à floresta. Ele destrava a janela e a abre. Shoshanna está perfeitamente ENQUADRADA pela janela.

SHOSHANNA

CORRENDO em direção à floresta. Casa e coronel à janela no fundo.

PÉS SUJOS DESCALÇOS

BATENDO contra grama molhada.

CLOSE-UP DO ROSTO DE SHOSHANNA

igual a um animal perseguido por um predador: FUGA-PÂNICO-MEDO.

PONTO DE VISTA DE SHOSHANNA

a segurança das árvores se aproximando.

CEL. LANDA

emoldurado pela janela, ergue sua WALTHER⁵, e mira com o braço estendido à judia fugitiva, puxando o cão⁶ para trás com o polegar.

PONTO DE VISTA DE CEL. LANDA

de Shoshanna fugindo

CLOSE-UP DE CEL. LANDA

ZOOM LENTO em direção aos seus olhos enquanto ele mira.

CLOSE-UP DE PERFIL DE SHOSHANNA

correndo loucamente para se salvar.

CEL. LANDA

muda de idéia. Ele grita para o rato fugindo da armadilha, indo em direção à segurança de uma pilha de madeira, em FRANCÊS COM LEGENDAS EM INGLÊS:

CEL. LANDA

Au revoir, Shoshanna!

SHOSHANNA

chega à floresta e desaparece.

O coronel da S.S. fecha a janela.

⁵ N.T.: Marca de pistola usada pelo exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

⁶ N.T.: Parte da arma que percute a espoleta do cartucho.

EXT - FAZENDA LEITEIRA - DIA

O sedã nazista se AFASTA.

EXT - SEDÃ NAZISTA (EM MOVIMENTO) - DIA

O Cel. Hans Landa está sentado no banco de trás do conversível que se afasta rapidamente da casa da fazenda francesa.

Landa conversa com seu motorista em ALEMÃO LEGENDA EM INGLÊS:

CEL. LANDA

Herrman, sinto que há uma pergunta em seus lábios? Para fora com ela.

MOTORISTA

Por que o senhor permitiu que um inimigo do Estado escapasse?

CEL. LANDA

Oh, eu não acho que o Estado esteja em grave perigo, você acha?

MOTORISTA

Acho que não.

CEL. LANDA

Fico satisfeito que você entenda meu ponto de vista. Além disso, não meter uma bala nas costas de uma garota de quinze anos e permitir que ela escape não são necessariamente a mesma coisa. Ela é uma menina, sem comida, sem abrigo, sem sapatos, que acabou de testemunhar o massacre de toda sua família. Ela talvez não sobreviva até amanhã. E depois que a notícia do que aconteceu hoje se espalhar, é muito improvável que ela encontre algum outro fazendeiro que lhe estenda a mão. Se eu tivesse de adivinhar o que vai acontecer com ela, eu diria que ela provavelmente será denunciada por algum vizinho. Ou será avistada por algum soldado alemão. Ou encontraremos seu corpo na floresta, morta de fome ou frio. Ou, talvez... ela sobreviva. Ela escapará de ser capturada. Ela fugirá para a América. Ela se mudará para a cidade de Nova York, onde ela será eleita presidente dos Estados Unidos.

O coronel da S.S. ri de sua própria piadinha.

FADE UP

TÍTULO DO CAPÍTULO APARECE: